



A PRESENTIFICAÇÃO NO CONTO BOLINHA DE PING-PONG, DE RIMAR SEGALA

THE PRESENTIFICATION IN THE SHORT STORY “BOLINHA DE PING-PONG”, BY RIMAR SEGALA

LA PRÉSENTIFICATION DANS LE CONTE “BOLINHA DE PING-PONG”, DE RIMAR SEGALA

 Ronny Diógenes de Menezes¹

 Fábio Marques de Souza²

1. Graduado em Letras/Português. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – Universidade Federal de Campina Grande-PB. E-mail: ronny.diogenes@gmail.com.
2. Professor pesquisador no Programa de Pós-graduação em Formação de Professores (UEPB). Professor no Departamento de Letras e Artes da UEPB. Mestre (UNESP) e Doutor (USP) em Educação, com estágio de Pós-doutorado em Educação Contemporânea (UFPE). Coordenador do Grupo de Pesquisa: O círculo de Bakhtin em diálogo, UEPB/DGP/CNPq. Campina Grande-PB, Brasil. Contato: fabiohispanista@gmail.com

RESUMO: Esse trabalho tem por objetivo analisar o conto “Bolinha de ping pong”, de Rimar Segala, demonstrando como essa obra apresenta amalgamações entre linguagem e presença. Para isso iniciaremos uma incursão sobre as artes produzidas por pessoas surdas. A partir disso adentraremos nas amalgamações entre linguagem e presença descritas por Gumbrecht (2010) e, nesse caminho, compreenderemos a presentificação de coisas ausentes e a percepção física, possibilitada através do conto. A partir da análise da presença, podemos concluir que através da obra foi possível identificar diversas amalgamações entre linguagem e presença. Assim, através do conto em questão os expectadores podem sentir em seus corpos aquilo que está distante, podendo essa presentificação nos levar a humanizar a nossa visão sobre as pessoas surdas.

Palavras-chaves: Presença; Escritas Surdas; Literatura; Cultura.

Recebido em: 12/03/2021

Aprovado em: 27/06/2021

ABSTRACT: This work aims to analyze the short story “Bolinha de ping-pong”, by Rimar Segala, demonstrating how this work presents amalgamation between language and presence. For this, we will start an incursion into the arts produced by deaf people. From this, we will enter into the amalgamations between language and presence described by Gumbrecht (2010) and, in this way, we will understand the presentification of absent things and the physical perception, made possible through the story. From the analysis of presence, we can conclude that, through the work, it was possible to identify several amalgamations between language and presence. Thus, through the story in question, viewers can feel in their bodies what is distant, and this presentification can lead us to humanize our view of deaf people.

Keywords: Presence; Deaf Writings; Literature; Culture.

RÉSUMÉ: Ce travail vise à analyser le conte «Bolinha de ping pong», de Rimar Segala, en démontrant comment il présente des amalgames entre langage et présence. Pour cela, nous ferons une incursion sur les arts produits par des personnes sourdes. À partir de là, nous entrerons dans les amalgames entre langage et présence décrits par Gumbrecht (2010) et, de cette manière, nous comprendrons la présentification des choses absentes et la perception physique, rendue possible à travers le conte. À partir de l'analyse de la présence, nous pouvons conclure qu'à travers l'œuvre, il a été possible d'identifier plusieurs amalgames entre le langage et la présence. Ainsi, les spectateurs peuvent ressentir dans leurs corps ce qui est éloigné, et cette présentification peut nous conduire à humaniser notre vision des personnes sourdes.

Mots-clés: Présence; Écrits Sourds; Littérature; Culture.



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Durante nossas vidas experimentamos diversas situações que nos levam a sentir um turbilhão de emoções, como alegria, angústia, ansiedade e felicidade. Alguns desses sentimentos podem ser extremamente prejudiciais ao nosso corpo e, na mesma proporção, outros tem um efeito benéfico ou até letárgico, podendo proporcionar o alívio de uma dor. As linguagens podem ser caminhos para que possamos sentir, presentes em nossos corpos, os toques, texturas, temperaturas e emoções (GUMBRECHT, 2010). O ser humano sempre as utilizou para contar suas histórias, e com elas nos fazer sentir a presença daquilo que está distante, e isso através de histórias, fotografias, filmes, séries de TV, artes plásticas e outras dezenas de modos de realizar uma “aproximação orgânica, vivencial, e uma interação afetiva, por meio de uma compreensão que não é só sentido” (SILVA, 2015, p 5). Para Silva (2016, p. 56), essas *Escritas* podem possibilitar que “quaisquer leitores tenham consigo uma forma mais centrada, objetiva, menos ambígua e mais plural de entender o que podemos, hoje, chamar de Literatura”. Não estando limitado somente à Literatura, mas abarcando todas as formas de expressões artísticas.

Gumbrecht (2010) chama de presentificação o ato de tornar presente/tangível tudo o que não está próximo a nós, seja um sentimento, objeto ou pessoa. Esse processo pode fazer com que sintamos em nossos corpos coisas ou situações do passado, de um futuro distópico ou utópico, e isso pode ser materializado através das *Escritas* em cavernas, rochas, madeira, couro e, bem mais recentemente, papel e meios digitais. O contato com essas *Escritas* pode nos fazer sentir a presença de coisas que estão a milhares de quilômetros de distância ou até mesmo em universos fantasiosos, mas que apresentam conflitos que nos fazem refletir sobre nossas vidas (MENEZES; SOUZA, 2019).

Dentro desse contexto encontramos uma série de produções artísticas que trazem em seu escopo uma alta carga de representações imagéticas e multimodais, mesclando o uso do léxico da língua, pantomimas, gestos e uma adaptação, quase que artesanal, de recursos cinematográficos. Chamamos essa forma de arte de *Escritas Surdas*¹, que apresentam as vivências de um povo que está em nosso meio, as comunidades surdas, e que é muitas vezes ignorado (MENEZES; SOUZA, 2019).

Tendo em mente o poder dessas *Escritas*, o objetivo desse artigo é analisar o conto “Bolinha de ping-pong” de Rimar Segala, e com isso localizar – nessa obra das *Escritas Surdas* – as amalgamações entre linguagem e presença, descritas por Gumbrecht (2010), e como elas podem fazer com que sintamos em nossos corpos a presença dos artefatos da cultura surda. Isto posto, iniciaremos conceituando o que são essas *Escritas Surdas* e suas diversas apresentações. Em seguida apresentaremos o conceito de cultura e de

¹ As *Escritas Surdas* contemplam todas as formas de arte produzidas pelas comunidades surdas, como a literatura surda e literatura visual, entretanto, nesse artigo nos concentraremos na Literatura Surda produzida em vídeo.

presença. Por fim, faremos uma apresentação da obra “Bolinha de ping-pong”, discutindo como ela pode tornar tangível as vivências dos povos Surdos para nós, ouvintes².

Escritas Surdas: uma janela multicultural

As narrativas populares, como contos folclóricos, lendas, mitos e histórias contadas pelos nossos familiares em rodas de conversas, aos poucos foram se transformando no que hoje entendemos como Literatura (CANDIDO, 1999). Cada leitor, ouvinte ou expectador dessas histórias as sente de uma maneira particular. Essa presença que sentimos dialoga com diversas outras experiências de nossas vidas, assim, todas essas manifestações populares ganham vida própria ao serem contadas/lidas e, a partir disso, “as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar” (CANDIDO, 1998, p. 82).

Essas mesmas manifestações populares são transportadas e adaptadas para diversos outros suportes, como as artes plásticas, fotografia, teatro, cinema e, mais recentemente, as fanfics. O poder dessas formas de escrever histórias pode influenciar tanto quanto a família “na formação de uma criança e de um adolescente” (CANDIDO, 1998, p. 82). Esses artefatos culturais, emergentes das diversas camadas da sociedade, são chamados de *Escritas*.

Para compreendermos o que consideramos como *Escritas*, devemos levar em consideração Silva (2016), ao defender que esse termo “possibilita quaisquer leitores terem consigo uma forma mais centrada, objetiva, menos ambígua e mais plural de entender o que podemos, hoje, chamar de Literatura” (SILVA, 2016, p. 56). Essa visão também é apoiada por Ludmer (2010), quando a autora as chama de “escrituras ou literaturas pós-autônomas” (p.2), pois elas perpassam as fronteiras da literatura canonizada, que poderíamos até mesmo chamar de burguesa, por não estarem atreladas a uma escola literária, ou a um estilo estético específico. São livres. As *Escritas* não se restringem apenas à grafia de palavras em um papel, mas contemplam todos os modos possíveis de registrar e contar algo, ou de transmitir uma mensagem (SILVA, 2016).

Candido (2011) chama atenção para o fato de que a Literatura é como “o sonho acordado das civilizações” (p. 177). Pensando nesse sonho, é possível ampliar a nossa visão de texto para além do escrito em papel, pois não precisamos de palavras impressas para sonhar. Essa necessidade de viajar por outras realidades, esses devaneios, fazem parte do nosso dia a dia, seja de forma curta, como uma imaginação, seja através da leitura de um conto (CANDIDO, 1999).

² Aquele que não é Surdo.

Sendo assim, as produções que circulam em nossa sociedade; como HQs³, canções, telenovelas, jogos eletrônicos, cinema, séries de TV, histórias, contos, piadas, causos e poemas repassadas oralmente ou em sinais, pinturas, fotografias e esculturas; todas essas, com alguma mensagem a ser transmitida, e muitas vezes refletindo o sonho de seu criador, são *Escritas* (SILVA, 2016). Candido (2011) afirma que todas elas também são Literatura, e, além disso, pertencem a ela “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (p. 176).

As pessoas surdas também participam desse processo de produção dentro de suas comunidades. Elas trazem em seu escopo vários traços das produções citadas por Silva (2016), contudo, com um toque diferenciado, além dos sinais/palavras, as composições em língua de sinais são uma amálgama de gestos, expressões corporais e faciais, pantomimas, recursos imagéticos e cinematográficos (PIMENTA, 2012). Isto posto, é possível perceber que esse tipo de Escrita é uma arte multifacetada, multimodal e multisemiótica, uma multiliteratura (MENEZES; SOUZA, 2019).

Após essa pequena imersão, podemos afirmar que *Escritas Surdas* são produções registradas nos mais diversos suportes: impressas em papel, gravadas em vídeo, pintadas, desenhadas, esculpidas, fotografadas; transmitidas por meio de sinais ao longo das gerações, criadas por pessoas que pertencem a uma comunidade surda e que, em seu escopo, transmitem a cultura, lutas, anseios, medos e alegrias de seus membros (MENEZES; SOUZA, 2019).

Candido afirma que “o devaneio (rêverie) se incorpora à imaginação poética e acaba na criação de semelhantes imagens; mas o seu ponto de partida é a realidade sensível do mundo, ao qual se liga assim, necessariamente” (CANDIDO, 1998, p. 82). Candido entende esse devaneio como uma imaginação criadora, que surge a partir da realidade e se materializa na Literatura (CANDIDO, 1999). Porém, em nosso estudo, não nos limitaremos a compreensão que esse devaneio criador estará ligado somente à Literatura, e sim à todas as formas de arte.

A realidade sensível do mundo Surdo está marcada nas *Escritas Surdas*, e para que possamos sentir essa realidade presente em nossos corpos, primeiramente é necessário compreender um processo violento e velado que foi, e ainda é praticado contra a comunidade surda – a colonialidade ouvintista⁴ (PERLIN, 2011). Esse entendimento é fundamental pois “é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos” (CANDIDO, 1999, p. 79).

Nesse trabalho, entendemos colonialidade como um processo de dominação cultural e de produção de conhecimento que se sustenta em um ponto de vista no qual um grupo civilizatório é superior a outro (QUIJANO, 1997; LANDER, 2000). Essa dominação resulta em agrupar “todos os esforços para levar o

³ Histórias em quadrinhos

⁴ Segundo Skliar (2011, p. 15) o ouvintismo “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o Surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

colonizado a confessar abertamente a inferioridade da sua cultura” (FANON, 1968, p 198). É exatamente com essa violência cultural que o ouvintismo leva alguns Surdos a negar a sua identidade, tendo a certeza de que são inferiores e de que, dos ouvintes, parte tudo o que é superior (PERLIN, 2011). Nesse caminho tudo que vem da comunidade surda – sua língua, cultura e *Escritas* – é desconsiderado, tornando-se apenas algo exótico, que está aquém daquilo de tudo que é produzido por ouvintes.

Um famoso inventor contribuiu na institucionalização da violência cultural contra os Surdos. Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, embora fosse filho de uma surda e casado com uma surda, escreveu vários artigos criticando o casamento de deficientes auditivos⁵. Além disso, ele era contra o uso da língua de sinais, sob o argumento de que ela atrapalhava o desenvolvimento cognitivo dos Surdos (STROBEL, 2009). Esse mesmo homem se empenhou no estudo da acústica e fonética, abrindo a sua própria escola para formar professores de Surdos.

Além disso Alexander Graham Bell foi muito influente no processo que culminou na decisão de proibir o uso das línguas de sinais nas escolas para Surdos (STROBEL, 2009). Apenas com o exemplo de sua militância, é possível constatar que a afirmação de Quijano, referindo-se à colonialidade eurocêntrica, também se encaixa no caso dos Surdos pois “reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade” (QUIJANO, 1997, p. 121).

Por trás dessa repressão reside algo mais obscuro. Silva e Souza (2016) analisaram algumas obras de Alexander Graham Bell e constataram ideais eugênicos. Seu verdadeiro objetivo era purificar a raça humana para preservar aquelas características que lhe eram mais desejáveis, chegando até mesmo a ser vice-presidente do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia em 1912 (SILVA; SOUZA, 2016).

A comunidade surda mundial guardou em sua mente esse processo de repressão, que se reflete em suas *Escritas*, como podemos observar na Figura 1. Nela, vemos a ilustração “Alexander Graham Bell Audism” do designer Surdo Austin Balaich. Nessa obra vemos o inventor representado como um ditador totalitário, erguendo a mão em uma alusão ao regime Nazista, porém executando a mesma configuração de mão para o conceito de “oralismo⁶”. Pessoas influentes na história disseminaram suas ideias criminosas, fruto do ódio ao diferente e aos corpos defeituosos, que não se encaixam no padrão eugenista.

⁵ O uso do termo “deficiente auditivo”, nesse trecho, também engloba os culturalmente surdos, pois Graham Bell era contra o casamento de duas pessoas que tivessem perda auditiva em qualquer grau.

⁶ O termo oralismo se refere a uma abordagem na educação de surdos que se concentra na reabilitação e, com isso, rejeita e proíbe o uso da língua de sinais.

Figura 1 - Alexander Graham Bell Audism



Fonte: <https://culturasurda.net/2014/11/20/austin-balaich/>

Contudo, essa violência simbólica resulta em uma mobilização da comunidade surda para resistir a dominação e se libertar de sua condição subalterna. Por séculos, as pessoas surdas lutaram – e ainda lutam – para ter o direito de usar uma língua de sinais e, por meio dela, manifestar sua cultura. Contudo, infelizmente, ainda há a tentativa de transformar os Surdos em ouvintes, buscando-se apenas uma solução clínica para curar a surdez, como o implante coclear e o uso de aparelhos auditivos. Entretanto, a eficácia desses métodos não é garantida para todos os casos, além da imposição para a realização desse procedimento, muitas vezes, não levar em conta a opção do sujeito Surdo satisfeito com a sua condição.

Essa cultura ouvintista procura mutilar a identidade surda ao querer normatizar os sujeitos ao padrão ouvinte, por conseguinte tudo o que é proveniente da cultura surda não é bom, ou é apenas entendido como uma excepcional superação pessoal. Esses fatos levam à criação de obras com a apresentada na Figura 2.

Figura 2 - “CI baits” (de Daniel Winship)



Fonte: <https://culturasurda.net/2014/08/17/daniel-winship/>

As “mãos” estão constantemente presentes nas *Escritas Surdas*, pois é com elas que o Surdo transmite todos os seus pensamentos. Na ilustração de Daniel Winship, podemos destacar quatro detalhes: o caçador, a isca, o alvo e o mar. Representado por uma boca e ouvido com formas antropomórficas, os

pescadores ignoram o perigo a que estão expostos e lançam ao mar suas iscas, aparelhos de implante coclear. Porém, sua pesca é um peixe ameaçador que, no lugar de uma boca, possui uma enorme mão que está prestes a atacar. O mar, em sua imensidão, guarda criaturas desconhecidas, que muitas vezes transitam por baixo dos pés dos pescadores, incapazes de serem vistas, transformando-os em presas fáceis. O peixe em seu habitat natural, está cercado, contudo ele definiu o seu alvo e irá atacar.

Ao refletir sobre essa ilustração podemos começar a compreender um pouco como os Surdos se sentem frente ao ouvintismo, que tenta mutilar sua identidade Surda. O uso de aparelhos auditivos ou implantes cocleares é apenas um dos aspectos que compõem a identidade ouvintista, apresentados como solução e cura para a surdez, transformando, inclusive, em párias aqueles profissionais que não se submetem ao uso desse procedimento⁷. Atualmente o mercado de trabalho também tem sido outro espaço no qual os Surdos sofrem a intervenção das filosofias ouvintistas. O conto “Lobo em pele de cordeiro⁸” da Cia Arte e Silêncio, aborda esse assunto ao apresentar lobos ouvintes travestidos de ovelhas para tentar devorar as ovelhas surdas (Figura 3).

Figura 3 – Trecho de Lobo em pele de cordeiro



Fonte: <https://youtu.be/FONTF6s32Ww>

Esse conto descreve a saga de um pastor que todos os dias encontrava uma ovelha surda morta, até que um dia ele decide ensinar suas ovelhas a se defender. Após isso, juntas, elas conseguem derrotar os seus algozes e percebem que, na realidade, eram lobos ouvintes disfarçados de ovelhas. Mas o que levou o autor a associar os ouvintes a lobos sedentos de sangue? Thoma (2011), pode nos ajudar a elucidar essa questão.

A autora descreve como os Surdos são representados em jornais do Rio Grande do Sul. Algumas matérias apresentavam lista de profissões que os Surdos poderiam exercer (THOMA, 2011). Outros

⁷ Um exemplo dessa postura pode ser comprovado na entrevista do Dr. Ricardo Bento concedida ao programa Mais Você em 2009. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vIfLiJHLSHE&t=150s> Acesso em 22 de Jan. 2021.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/FONTF6s32Ww> Acesso em 22 de Jan. 2021.

periódicos sempre associaram a educação de Surdos a cura de uma doença e a necessidade de medicalizar essa situação. A mídia sempre apresenta o Surdo como um doente que, apesar de sua condição, consegue realizar algumas tarefas e profissões. Toda a estrutura social necessária para que as pessoas surdas consigam se desenvolver é ignorada pelos jornais que focam apenas na perda biológica (THOMA, 2011).

Esse imaginário não é uma exclusividade do setor jornalístico, Thoma (2011) apresenta situações e opiniões preocupantes emitidas por diretoras de escolas de Surdos. Menezes e Souza (2019) também abordam os estereótipos e preconceitos de alunos do ensino médio sobre a pessoa surda, descrevendo as crenças desses estudantes que vão desde a concepção deles sobre o que é Libras, até a inclusão de Surdos no mercado de trabalho. Vale ressaltar que, mesmo a pesquisa apresentando um recorte específico de alunos de uma instituição federal de ensino que ingressaram em seus estudos por meio do vestibular, foi possível perceber que uma parte dos estudantes ainda têm uma visão estereotipada de pessoas surdas (MENEZES & SOUZA, 2019). Isso nos leva a conclusão de que esta situação pode ser bem pior em outras esferas da educação pública.

As *Escritas Surdas*, na maioria das vezes, abordam assuntos como esse ao apresentar a difícil relação entre Surdos e ouvintes. A pressão e opressão que a comunidade surda sofre por viver em um mundo de falantes vem da família, dos pais, vizinhos e de todo o resto da sociedade que tenta colonizá-la, para que se adaptem ao *ser ouvinte* (PERLIN, 2011). Até mesmo os memes que a comunidade surda produz refletem essa difícil relação. Veja o caso dessa publicação na rede social de Pietro (Figura 4).

Figura 4 – Meme produzido por Pietro



Fonte: Perfil do Facebook de Pietro

A fuga representada no meme é uma reação a uma sociedade ouvinte que utiliza uma lógica meritocrática que responsabiliza completamente o Surdo. Quando não consegue sua integração à comunidade majoritária ““a culpa é sua”, pois é ele quem fracassa ao não conseguir ser como os demais, e não desta mesma sociedade, pretensamente democrática, que lhe deu chances de recuperação” (THOMA, 2011, p, 126). Sasaki (1997) reforça esse argumento destacando que essa “integração” é uma posição cômoda, que transfere para uma comunidade minoritária a responsabilidade de se adaptar à majoritária.

Além de uma posição de resistência frente a opressão ouvintista, as *Escritas Surdas* também estão repletas de humor, romance e tragédia. Toda essa mensagem transmitida por elas é recheada de uma métrica visual, pantominas, gestos e recursos cinematográficos. Contudo, todas as produções partem da ótica do Surdo e de seu lugar de fala, apresentando a surdez como uma diferença e não como a falta de algo. Um pequeno cartaz, feito por um Surdo para uma manifestação em comemoração ao Dia Nacional dos Surdos, revela o real desejo dessa comunidade (Figura 5), de que possam viver tendo seus direitos, língua e cultura respeitados.

Figura 5 – Passeata do dia do Surdo em Caicó, RN



Fonte: Ronny Diogenes

Após essa breve explanação sobre a multiplicidade de *Escritas Surdas*, iremos abordar como o contato com elas, mais especificamente com a linguagem literária, pode nos fazer sentir aquilo que está distante e nos levar a uma percepção que vai muito além do sentido.

A análise da Presença como possibilitadora de uma percepção puramente física nas *Escritas Surdas*

Quando somos crianças, em uma segunda-feira qualquer, cedinho da manhã, ao acordar, sentimos o cheiro da fumaça quente do café e, mesmo desejando ficar deitados na nossa cama macia, nos levantamos e seguimos para a escola. O sabor do café e do pão com manteiga nos dão energia para a primeira aula do

dia: Educação Física. Entre corridas, quedas e saltos, o professor distribui algumas bolas, um pouco amareladas, para dar prosseguimento a aula. Seguramos esses objetos com força, sentindo em nossas mãos a textura emborrachada e empoeirada. No final, cansaço, suor e grandes goles de água fria.

Todos os dias vivenciamos situações, como as relatadas acima, que ativam os nossos sentidos. Cheiros, cores, sons, texturas e sabores nos lembram pessoas, lugares e situações que vivemos. Como seres racionais, todas essas experiências, sentidas em nossos corpos, se somam a um enorme repertório de acontecimentos e, assim, compõem nossas recordações e nos auxiliam a significar e ressignificar o mundo. Esse processo é mediado pela linguagem e, sendo ela uma estrutura imaterial, evoca da memória os acontecimentos e experiências, produzindo novos significados (BENVENISTE, 1976).

Os artistas sempre se valeram dessa evocação de experiências para criar suas obras. Através de diversas linguagens eles contam histórias e nos fazem senti-las em nossos corpos, algumas vezes nos fazendo acreditar que estamos em outro lugar, sentindo odores, sabores e causando arrepios nos pelos de nossos braços. Essas situações são inerentes ao uso da linguagem e dão ao discurso uma função dupla. Enquanto que para o emissor ele é uma realidade, o receptor recria essa realidade sob a ótica de suas próprias vivências (BENVENISTE, 1976).

Nesse sentido, podemos confirmar que “o homem sentiu sempre e os poetas frequentemente cantaram o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (BENVENISTE, 1976, p. 27). Esse poder fundador também está presente nas *Escritas Surdas*, e com sua fruição (ECO, 1981) é possível sentir em nossos corpos outras realidades e ressignificá-las a partir de nossas experiências.

Contudo, primeiramente, é necessário superar um obstáculo que é a “nossa relutância em descartar hábitos e preconceitos” (GOMBRICH, 198, p. 11). Esse descarte é basilar para a fruição de todo tipo de arte, e as *Escritas Surdas* não fogem dessa regra. Com isso em mente, podemos iniciar as nossas reflexões sobre como podemos ter uma percepção puramente física através da fruição das *Escritas Surdas*. Vale salientar que o objetivo aqui não é fazer uma crítica, ou impor uma determinada forma de interpretação da arte (ISER, 1996), nem tão pouco formar críticos, e sim, a partir da posição do receptor, evocar as suas experiências pessoais para que eles possam sentir presente o mundo Surdo.

Com essa colocação, cabe agora discutir o conceito de presença segundo as concepções de Gumbrecht (2010), filósofo alemão que percebeu que a hermenêutica de sentido, sozinha, não podia dar conta de alguns efeitos que as linguagens levam os humanos a sentir. Nesse caminho, ele descreve uma cultura de presença que tem como objetivo a abertura para outros saberes, ultrapassando os conhecimentos eruditizados, comuns nas interpretações que buscam um sentido máximo nos textos.

A cultura de presença não se limita à busca de um significado, mas adentra em uma percepção puramente física através do contato com as linguagens, como literatura, cinema, artes plásticas e tantas outras (GUMBRCHT, 2010). Por conseguinte, ele descreve sete amalgamações entre linguagem e presença, sendo elas: a linguagem falada como realidade física, as práticas fundamentais da filologia, qualquer tipo de linguagem capaz de causar uma experiência estética, a experiência mística e a linguagem do místico, a abertura da linguagem para o mundo dos objetos, literatura como lugar da epifania e a presentificação de coisas do passado.

Todas essas amalgamações nos conduzem a algo quase que sobrenatural, um efeito mágico. Essa experiência mística pode ser entendida como o poder que a linguagem tem em estimular a nossa imaginação a ponto de ativar nossos sentidos. Aqui, adentramos em um tipo de sinestesia, ou multimodalidade, sem a qual Basbaum (2002) afirma ser impossível a fruição de qualquer tipo de arte. Como um exemplo dessa sinestesia, o autor cita o cinema e os shows de rock, que, através de uma superprodução, levam o expectador a um abandono de si, uma espécie de catarse, que naquele momento os conduz ao êxtase.

Esse efeito sinestésico é ativado por outra amalgamação abordada por Gumbrecht (2010), a abertura da linguagem para o mundo dos objetos, que, para o autor, é aquilo que está presente em nossa frente ou que é tangível aos nossos sentidos. Assim, uma palavra, um sinal – no caso da Libras, uma textura, gesto, som, odor, ou cor – podem evocar memórias que nos levam para sensações e lugares de nosso passado, ou, até mesmo, atizam desejos ocultos em nossa mente. Essa sensação quase mágica de sentir presente aquilo que já pertence ao passado, ou que até mesmo nunca aconteceu, é uma prova do poder que as linguagens podem exercer sobre o ser humano.

Gumbrecht propõe uma cultura de presença, que privilegia o que é tangível aos nossos corpos sem que seja preciso significar aquilo. Nesse sentido, ele acredita que também fazemos parte das coisas do mundo e nos relacionamos com elas. Essa relação nos afeta, e pode ser o fio condutor para mergulhar em um mundo diferente daquele que conhecemos. As linguagens que apontam, através de recursos dêiticos, para lugares e objetos poderão presentificar aquilo que está ausente, e, nesse momento, evocar nossos sentidos em um efeito sinestésico, mágico.

Vale salientar que esse efeito é estritamente pessoal e imprevisível. Essa epifania surgirá e sumirá sempre de maneira espontânea, considerando cada vivência do expectador. Para Gumbrecht “a epifania na experiência estética é um evento, pois se desfaz como surge” (2010, p.142). Por conseguinte, por meio das *Escritas* o expectador evocará de suas memórias referências físicas e simbólicas que o farão sentir uma infinidade de sensações e emoções. Esse processo físico e cognitivo o auxiliará a ressignificar a obra apreciada. Porém, em contextos educativos, o professor pode usar de metodologias específicas como o letramento literário para chegar a um ponto em comum, que parte da percepção e das experiências do aluno.

Contudo, apesar da cultura de presença privilegiar uma percepção puramente física, ela não abandona a cultura de sentido e sim, procura realizar uma suplementação de uma para a outra. Esse processo pode ser uma forte ferramenta no estímulo à empatia, pois, como afirma Candido se referindo à Literatura, sua “função educativa é muito mais complexa” (1999, p. 83). Essa complexidade não é exclusiva da literatura, estendendo-se para todas as *Escritas*, pois com elas é possível tentar sentir o que outro sente, o que o outro vê. Através da presentificação do que está ausente, podemos nos humanizar.

Como foi possível perceber na seção anterior, as *Escritas Surdas* apresentam esse mundo do outro, que não é o dos ouvintes. E essa cultura é diferente da de ser ouvinte, porém com intersecções que podem nos fazer sentir aquilo que está ausente em nós. As amalgamações entre linguagem e presença também estão constituídas nas *Escritas Surdas*. Desse modo, na próxima seção iremos analisar uma obra produzida por um Surdo e nela identificaremos algumas amalgamações descritas por Gumbrecht (2010), e como elas podem nos levar a sentir o mundo Surdo em nossos corpos.

O conto Bolinha de Ping-Pong e a presentificação de coisas ausentes.

As *Escritas Surdas* são manifestadas em diversos suportes. A partir de agora, iremos conhecer o conto Bolinha de Ping-Pong⁹ e saber um pouco sobre seu autor. Concomitantemente, iremos analisar como o conto pode nos fazer sentir, no presente, uma realidade que está longe de nós. O conto em questão foi distribuído pela Cia Arte Silêncio que produziu dezenas de outros, publicados em seu canal no Youtube. Essas produções abordam diversos assuntos como o respeito pela comunidade surda e as dificuldades que os Surdos enfrentam no cotidiano.

Essa temática também está presente no conto Bolinha de Ping-Pong. O criador dessa história, Rimar Segala, e toda a sua família são Surdos. Ele é professor de Libras da Universidade Federal de São Carlos. Além disso, é ator desde 2003, quando fundou a Cia. Arte e Silêncio, atuando em festivais de folclore Surdo e peças publicitárias (PEIXOTO, 2016). Como pode ser percebido, ele sempre participou de uma comunidade surda e hoje é ativo nas suas lutas. Rimar Segala sempre salienta o papel da Cia. Arte e Silêncio em valorizar a Libras, a cultura e identidade surda. Em seus vídeos, há uma forte posição de resistência frente a dominação ouvintista e em favor do uso fluente da Libras pelos profissionais intérpretes e pela afirmação dela como uma língua capaz de expressar qualquer ideia.

Vamos agora conhecer o conto Bolinha de Ping-Pong, produzido em Libras e abaixo você encontrará sua tradução.

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6LP_OaVuMgI&t Acesso em 12 dez 2020.

**Introdução: Vou te contar uma metáfora. O título é Bolinha de Ping-Pong
É uma metáfora muito profunda. Ela tem a ver com nossas vidas.
Vou contar agora!**

Em uma competição de ping-pong, a arena estava lotada. Em seus lugares estavam o árbitro e os jogadores, um à esquerda e outro à direita. O jogador da direita tinha cabelos e barba cumpridos e, com o semblante maldoso, sempre estava ofegando. O outro, à esquerda, parecia tranquilo com seu chapéu, colocava perfume, vestia suas luvas e passava batom. Enquanto isso o jogador cabeludo, continuava a pentear seu cabelo e barba longos. Quando os dois estavam em suas posições, o árbitro olhou para eles e pegou um palhacinho que será a bolinha do jogo e que estava animado e ansioso para participar.

O Árbitro diz para a bolinha que ela irá primeiro para o jogador da direita.

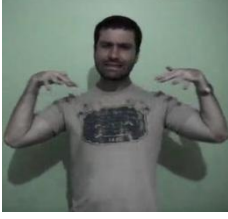






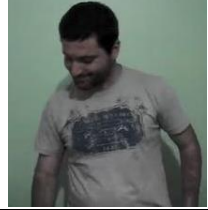
Ao receber a bolinha diz: Você é minha! O árbitro o manda iniciar. Juntando todas as suas forças, o jogador golpeia a bolinha. Todos olham atentamente, mas o oponente segura a bola com a mão. O árbitro o manda seguir e jogar a bola para o adversário. Ele obedece, e seguem golpeando a bolinha.

O árbitro acompanha atentamente cada movimento. A plateia faz o mesmo e não tira os olhos de cada jogada. A bolinha segue sendo golpeada para lá e para cá. Os golpes continuam, fortes de um lado e delicados de outro. A bolinha sente em seu rosto cada raquetada.

Nisto, ela olha para o árbitro e, imersa no desespero, pede socorro. O árbitro mete a mão e retira a bolinha do jogo antes que ela receba o próximo golpe. Mas, e agora? O jogo precisa continuar. Para qual jogador ele deve entregar a bolinha?

Percebemos, logo no início do conto, uma das amalgamações entre linguagem e presença, que é a abertura da linguagem para o mundo dos objetos (GUMBRECHT, 2010). Primeiramente os personagens são apresentados através de sua localização espacial e com o uso de expressões não manuais (ENM) específicas, que descrevem os seus comportamentos (Quadro 1). A partir desse ponto, o autor usa recursos dêiticos para definir as ações ou falas de cada personagem. Essa imagética (PIMENTA, 2012) é inerente das línguas de sinais, pois a visualidade faz parte da comunicação dos Surdos, sendo materializada por uma estética própria das línguas de sinais (KLAMT *et. al.*, 2014). Por conseguinte, há aqui uma utilização do corpo para representar o mundo dos objetos, evocando esses artefatos de nossas memórias. No caso, são uma quadra com uma plateia que observa os jogadores, o árbitro e a bolinha em frente a uma mesa de pingue-pongue.

Quadro 1 – Descrição espacial do local da partida

			
Plateia	Mesa de pingue-pongue parte 1	Mesa de pingue-pongue parte 2	Rede
			
Posição do Árbitro	Posição do jogador delicado	Posição do jogador bruto	Posição inicial da bolinha

Fonte: Produzido pelos autores com a utilização de frames do vídeo no Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.

Na sequência, o autor descreve um pouco de cada personagem (Quadro 2). Um dos jogadores é descrito com feições brutas – e até certo ponto violentas – principalmente no momento em que golpeia a bolinha. O outro participante é delicado, e utiliza até mesmo uma luva para jogar. O modo leve como ele acerta a bola também é um reflexo de sua personalidade. A Bolinha da história é um personagem alegre, que, pelas expressões corporais e faciais do narrador, é uma figura até ingênua, pois não mostra insatisfação ao saber que será golpeada pelas raquetes dos jogadores. Em meio a esse jogo o árbitro entrega, friamente, a Bolinha para o jogador bruto.

Quadro 2 – Personagens do conto Bolinha de ping-pong

			
Jogador bruto	Árbitro	Jogador delicado	Bolinha

Fonte: Produzido pelos autores com a utilização de frames do vídeo no Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.

Nesse ponto, podemos perceber uma outra amalgamação, o que Gumbrecht (2009) chama de “Experiência mística e a linguagem do misticismo” (p.15). Embora tenhamos apenas um narrador, podemos perceber as suas mudanças de comportamento ao incorporar cada personagem, posicionando-se em locais específicos para cada um deles. Esse uso da dêixis associado à ENM provoca um efeito de imersão na

história (Quadro 3). Com isso, podemos descobrir alguns traços das personalidades dos participantes desse jogo.



Quadro 3 – Algumas ENM apresentadas no conto

			
Árbitro – indiferença	Bolinha - ingenuidade	Jogador bruto - violência	Jogador delicado - calma
			
	Árbitro – dúvida	Bolinha - desespero	

Fonte: Produzido pelos autores com a utilização de frames do vídeo no Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.

Vale notar que apenas o árbitro e a bolinha mudam a sua postura no decorrer da história (Quadro 4). O primeiro tem uma posição indiferente, até mesmo insistindo que um dos jogadores siga com o jogo. Entretanto, ao final ele percebe a aflição da bolinha e se encontra na difícil decisão de escolher qual jogador a receberá, para que continue a ser golpeada. Antes das primeiras pancadas, a bolinha está alegre, pois provavelmente não tem noção do que lhe aguarda. Porém essa alegria dura pouco, pois mesmo o jogador mais delicado a ataca com firmeza.

Quadro 4 – Postura final da bolinha e do árbitro.

	
Bolinha sendo golpeada	Árbitro percebendo o desespero da bolinha

Fonte: Produzido pelos autores com a utilização de frames do vídeo no Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.

Esse complexo entrelaçamento entre sinais/léxico, ENM e descrições espaciais nos conduz à uma experiência única, a algo místico, que embora não esteja ao alcance físico de nossas mãos, pode ser sentido, e nos coloca na posição de cada um dos participantes do jogo. Nesse momento, encontramos mais uma amalgamação entre linguagem e presença: a epifania (GUMBRECHT, 2009, 2010). Esse efeito de fazer surgir aquilo que está ausente, ou até mesmo uma irrealidade – como um palhacinho que é usado como bolinha – nos carrega para um mundo do impossível, mas que ao mesmo tempo nos comove, pois podemos perceber nele pontos de encontro e desencontro com nossas vidas. Aqui, identificamos algo similar ao devaneio discutido por Candido (1998), pois, partindo de uma realidade, mergulhamos em uma fantasia.

Ao vermos essa história, podem surgir, em nossa mente, todos os golpes que uma pessoa surda leva durante sua vida. Assim como a bolinha, talvez eles comecem a enfrentar o mundo com uma ingenuidade infantil, embora logo cedo sejam atacados. Toda uma vida de preconceito e segregação social e educacional pode ser inferida através dos golpes sofridos pelo “palhaço” da história. Mesmo no seio familiar, onde deveria haver acolhimento e compreensão, os Surdos são atingidos. Talvez não com a intensidade de um ataque preconceituoso de um estranho, mas com certeza ele sentirá essa dor.

Considerações finais

Ao analisar o conto “Bolinha de ping-pong” de Rimar Segala localizamos as amalgamações: abertura para o mundo dos objetos, a experiência com o místico e a epifania. Vemos como elas podem fazer com que sintamos, em nossos corpos, a presença dos artefatos da cultura surda. Esse conto nos transportou para um jogo de pingue-pongue que está sendo assistido por dezenas de pessoas. Essas amalgamações foram possíveis pela descrição espacial do ambiente, uso de recursos estéticos e imagéticos, além da execução de expressões não manuais.

A presença dos elementos descritos pelo autor pode ser sentida em nosso corpo. A movimentação atenta da plateia a cada jogada, as pancadas e dor sentidas pelo palhacinho, ou até mesmo a breve misericórdia apresentada nas expressões faciais do árbitro, evocam nossos sentidos e memórias, abrindo a possibilidade de gerar empatia, quando percebemos o sofrimento do palhacinho sendo espancado.

A empatia infelizmente pode não ser algo natural, principalmente quando nos deparamos com situações que são incomuns. Mas, ao procurar os pontos de encontro em cultura ouvinte e surda, podemos tentar sentir, em nossos corpos, as aflições, medos, alegrias e desejos das pessoas surdas. Essa presença, de algo que está distante, pode nos fazer refletir e com isso nos humanizar.

As *Escritas Surdas* cumprem seu papel em nos apresentar as diversas facetas e nuances de uma cultura que é alheia, mas que pode estar ao nosso lado. As amalgamações entre linguagem e presença podem ser percebidas no conto, e elas são o caminho para compreender um possível fio condutor comum a todos

os tipos de Escritas Surdas. Tal caminho pode humanizar a nossa visão de pessoas que precisam enfrentar todos os problemas que alguém ouvinte enfrenta, mas com o intensificador da surdez. Desse modo, através do estudo da presença, pode ser possível praticar o sentir, em nossos corpos, dessa experiência quase que sobrenatural de mergulhar num outro mundo.

Referências

- BASBAUM, S. R. **Sinestesia, arte e tecnologia: fundamentos da cromossonia**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo, EDUSP, 1976.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males : Revista do Departamento de Teoria Literária*, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.
- ECO, U. **A definição da arte**. Lisboa: Martins Fontes, 1981.
- FANON, F. **Os Condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol 1. Tradução Johannes Krestschmer. São Paulo - SP, 1996.
- KLAMT, M.; MACHADO, F.; QUADROS, R. Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais. *In: WEININGER, M.; QUADROS, R. (Orgs.) Estudos da língua brasileira de sinais*. Florianópolis: Editora Insular, 2014.
- PERLIN, G. Identidades Surdas. *In: SKYLAR, C. (org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- PIMENTA, N. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SILVA, A. D. P. **O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. Campina Grande: EdUEPB, 2016.
- SOUZA, M. D. P; SILVA, R. M. **A formação de uma variedade surda da raça humana: o olhar eugênico de Alexander Graham Bell sobre a pessoa surda**. *Revista Digital de Políticas Linguísticas*. Vol. 8, N. 8, Córdoba, 2016.

STROBEL, K. **História da educação de Surdos**. UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância Florianópolis 2009. Disponível em: <
https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/asets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

THOMA, A. S. Surdos: “Esse outro” que a mídia fala. In: SKYLAR, C. (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LUDMER, J. **Literaturas pós-autônomas**. Sopro, Desterro, v.20, p.1-4. 2010.

LANDER, E. **Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos**. In: Edgardo Lander (comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2000.

MENEZES, R. D.; SOUZA, F. M. **Escritas Surdas na Escola: Novos horizontes literários**. Mentis Abertas, São Paulo, 2019.

GOMBRICH, E. H. **História da Arte**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

GUMBRECHT, H. U. **A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado**. História da historiografia, Ouro Preto, v.2, n. 03, 2009. Disponível em:
<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68> Acesso em 13 de dez. 2020.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 1, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: **Anuário Mariateguiano**. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

SILVA, W. A. **Concepção de presença em Gumbrecht – contribuição do paradigma interdisciplinar**. Revista Opara, v.5, n. 1, 2015.